

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME I*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

## A CRATERA DE MILREU \*

Em 1950, quando preparávamos o estudo sobre o retrato de Galienus encontrado nas ruínas romanas de Milreu e actualmente no Museu Regional de Lagos, procurámos documentar-nos sobre outros materiais da mesma proveniência e, entre eles, particularmente sobre o belo vaso jaspoide cuja fotografia fora publicada pelo Doutor Virgílio Correia em 1928. (1)

Essa peça que, a avaliar pela fotografia, parecia ser única no país, estava na posse dos herdeiros do importante industrial algarvio Júdice Fialho. A eles nos dirigimos solicitando uma documentação fotográfica mais pormenorizada e autorização para estudarmos e, eventualmente, publicarmos a peça em questão.

Do exame das fotografias que então nos foram enviadas parecia depreender-se que se tratava de um vaso dos chamados *neo-áticos* do século I a. C., do tipo de alguns exemplares famosos que enriquecem certas importantes colecções de escultura e que conhecíamos através de reproduções. (Figs. 1-4).

Não quizemos prosseguir o estudo sem termos tido uma oportunidade de examinar directa e detidamente a peça, o que aconteceu em Junho desse mesmo ano graças à amabilidade, várias vezes manifestada, com que fomos atendidos pelos proprietários do vaso.

De mármore branco muito fino, quase transparente, a cratera mede 0,58 m. de altura e tem de diâmetro, na boca, 0,45 m. Compõe-se de três partes que encaixam umas nas outras. Entre a parte superior e a zona central, com figuras, parecia ter sido intercalada uma tampa ligada ao resto do vaso por grampos de ferro.

\* Comunicação apresentada ao I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, Dezembro de 1958.

(1) Vergílio Correia, «O Domínio Romano» in *História de Portugal*, edição monumental dirigida pelo Prof. Damião Peres, vol. I, p. 287.

O bordo superior tem uma decoração de pérolas, óvulos e folhas lanceoladas; segue-se uma faixa decorada com ramos de vide e cachos de uvas; e vem depois a zona central com um conjunto de nove figuras. No friso inferior vemos folhas de acanto e outros elementos fitomórficos, além de quatro cabeças de velhos, agrupadas duas a duas, servindo de suportes para as asas (já desaparecidas mas que encaixariam em espigões metálicos de que restam vestígios), e, finalmente, uma série de pérolas, folhas e óvulos. A base do pé é completamente lisa, apenas com uma pequena gola a meia altura.

As figuras medem entre 0,15 e 0,16 m., com excepção da divindade sobre o altar (0,09 m.) e da que está sentada no chão (0,065 m.). Entre as várias figuras distinguem-se dois vasos, um machado, uma balista e uma caixa. Na parte superior são visíveis algumas linhas de fractura, já consolidadas. O único fragmento restaurado destaca-se nitidamente, até por se ter utilizado um material diferente. (Fig. 3).

Segundo nos informaram, para substituir um pedaço que faltava à faixa do centro, um canteiro local copiou uma das restantes figuras, numa placa de mármore, que depois foi inserida na falha existente (Cf. com a fig. 2).

Procurámos recolher o que se sabia sobre as condições exactas em que o achado se verificara, mas os seus proprietários não conheciam pormenores.

Dos elementos que anteriormente havíamos recolhido, a referência mais explícita era a do cónego J. M. Pereira Botto num artigo publicado em 1896 no *Archeologo Português* (2), e no qual, a propósito de uma pequena cabeça de mármore encontrada nas ruínas de Milreu, escrevia: «...Não é um assombro escultural, como o revelado na subtilíssima cinzeladura, que ostenta o assunto venatorio ou sacrificial do formoso *crater* oriundo da mesma procedência, vaso marmoreo de subido merecimento em posse do Sr. Paulo Cumano d'esta cidade...»

E, como se vê, esta referência é pobre de indicações úteis! Da posse do sr. Paulo Cumano deve ter a cratera passado directamente à do industrial Júdice Fialho (a quem julgamos que estava ligado por laços de parentesco), depois à dos herdeiros deste e, finalmente, à do

(2) «Progressos do Museu Lapidar de Faro» in *O Archeologo Português*, vol. II, 1896, pp. 296-298.

Museu Arqueológico de Faro onde, segundo cremos, actualmente se encontra.

A ela se referiram modernamente os Drs. Mário de Lyster Franco (3) Aarão de Lacerda (4) e o autor desta comunicação (5).

Mas, embora tenha sido sempre considerada como uma peça de alto valor, o caso é que ninguém lhe dedicou trabalho de vulto e que nunca se passou da referência breve.

Supomos que isso se deve, principalmente, a dois factores: a falta de exame directo, que a poucos teria sido possível; e a falta de elementos de estudo, principalmente de paralelos para comparação.

Quando a vimos houve duas coisas que nos chocaram, embora não conhecessemos peças idênticas senão por fotografias e desenhos, e foram elas: a circunstância do pé ser liso na base, e de o vaso se apresentar dividido em três partes, que se não podiam justificar como resultantes de fracturas.

Por termos essas dúvidas e por desejarmos conhecer melhor materiais do mesmo tipo, resolvemos aguardar uma oportunidade para terminarmos o estudo apenas iniciado. Dessa precaução algo de bom resultou, e apontamos o caso à consideração dos que começam a interessar-se por estes problemas e sentem dificuldades em os deixar amadurecer.

Foi em 1953, quando estagiámos em Itália como bolsheiro do Instituto de Alta Cultura, que tivemos a possibilidade de terminar o trabalho iniciado três anos antes. Os resultados obtidos, sinceramente o confessamos, estavam bem longe de corresponder ao que inicialmente julgáramos ir encontrar.

Depois de observarmos os vasos neo-áticos dos Museus de Roma e de Nápoles, e de tomarmos contacto com obras em que esses e outros eram estudados, logo se verificou que entre eles e o exemplar da colec-

(3) *As ruínas romanas do Miireu e os últimos trabalhos nelas realizados*, Lisboa, 1943, última página.

(4) *História da Arte em Portugal*, I, p. 100.

(5) «Escultura romana em Portugal. I — O retrato do Imperador Galieno do Museu Regional de Lagos», in *Brotéria*, vol. L, fase. 3, Março de 1950, p. 290. Nas breves palavras, que então lhe dedicámos, escritas antes do exame directo, considerávamos o vaso de Milreu «peça única em toda a Península e que merecia, por si só, um detalhado estudo científico». Foi desse estudo detalhado que resultou esta comunicação.

ção Fialho havia diferenças sensíveis e estranhas. Eram elas as seguintes: em primeiro lugar, tratava-se de peças com dimensões consideravelmente maiores (6); em segundo lugar eram compostos apenas por duas partes — o pé e o cálice; em terceiro lugar, o pé era sempre canelado e suportado por uma base quadrada; em quarto lugar, o trabalho escultórico, se bem que fino, era mais seco e não tão *adocicado* e *amaneirado* (permitam-se as expressões) como no exemplar de Milreu. Acrescentemos ainda que a qualidade do material não era a mesma.

Também havíamos verificado, pelas fotografias, que parecia existir um estreito paralelismo entre o vaso de Milreu e a famosa cratera da Galleria Uffizi, peça neo-ática de grandes dimensões, geralmente conhecida como *Vaso Mediceo* (Figs. 5-6).

O exame directo permitiu-nos constatar, uma vez mais, as diferenças atrás apontadas e, principalmente, que a cratera de Milreu era uma cópia reduzida e algo modificada do extraordinário exemplar de Florença.

Composto por duas peças (pé e cálice), o pé apresentava-se canelado, ao contrário do que sucede no vaso de Milreu, o que ainda poderia, talvez, explicar-se pela possibilidade de se tratar de uma parte completada em tempos mais recentes. Mas mais estranhas e difíceis de aceitar eram as modificações na zona central do cálice, onde se dispõem as figuras.

Abra-se aqui um parêntesis para fazer referência às diversas explicações propostas para a cena figurada: sacrificio de Ifigénia; Céfalos perante o Areópago de Atenas: Ajax, ofensor de Cassandra, julgado pelos chefes gregos; consulta de Agamémnon ao oráculo de Delfos sobre os resultados da empresa de Troia (7).

Segundo a interpretação de Hauser-Picard (consulta ao oráculo de Delfos) as figuras representadas no *Vaso Mediceo* seriam (da esquerda

(6) O vaso Borghese, por ex., mede 171,5 cm. de altura.

(7) Vejam-se: Friedrich Hauser, *Die Neu-Attischen Reliefs*, Stuttgart, 1889, pp. 75-78; idem: «Ein neues Fragment des Mediceischen Kraters» in *Jahreshefte des österreichischen Archäologischen Institutes in Wien*, XVI, 1913, pp. 33-57; o artigo de Svoronos in *Journal inter, arch, num.*, XVI, 1914, pp. 213-254; Salomon Reinach, *Répertoire de Reliefs Grecs et Romains*, III, 1912, p. 24, 3; Ch. Picard, «Le cratère Medeis et la consultation d'Agamemnon à Delphes» in *Bulletin van de Vereeniging tot Befordering der Kennis van de Antieke Beschaving*, 24/26 (1949/51), 46-51; A. Garcia y Bellido, *Arte Romano*, Madrid, 1955, p. 185.

para a direita na estampa que reproduzimos do artigo de Hauser): Ulisses, os dois Ajax, Menelau, Apolo e a Pitia, Aquiles, Agamémnon (Fig. 7).

Na cratera de Milreu as figuras são exactamente as mesmas que vemos na peça da *Galleria degli Uffizi*, com excepção da que foi restaurada imitando uma das outras, isto é, Ulisses foi substituído por uma cópia de Agamémnon.

No desenho que reproduzimos do artigo de Hauser estão assinalados os vários pontos em que a cratera Medieis foi restaurada e a forma como o foi. Comparando-o com as fotografias da peça portuguesa não pode deixar de considerar-se estranha, e suspeita, a circunstância de aparecerem na cratera de Milreu alguns detalhes que foram completados pelos restauradores.

Por outro lado, há curiosas faltas em relação ao vaso de Florença que nos parecem apenas explicáveis por distrações do copista. Na cratera dos Uffizi as três personagens que se identificam como sendo Menelau, Aquiles e Agamémnon têm cruzada sobre o peito a correa de suspensão das espadas (Aquiles ajeita-a mesmo no ombro) (Fig. 5), ao passo que na peça portuguesa as espadas se agarram ao corpo, não se sabe bem como, e o gesto de Aquiles deixa de ter sentido (Fig. 1). Também se não compreende a razão porque a base em que Agamémnon apoia o pé direito tem, no vaso de Milreu, uma série de entalhes que não aparecem no florentino (Fig. 2).

Neste, Menelau e Agamémnon apoiam-se em varas (Fig. 7), ao passo que no exemplar algarvio o marido de Clitemenestra empunha na mão esquerda um rolo que não tem qualquer sentido e transforma um gesto natural numa posição forçada e sem significado (Fig. 2).

Mas, se tudo isto não bastasse já para tornar muito suspeita a peça portuguesa, que dizer então de uma série de objectos que nele vemos entre vários personagens, e de que no vaso Medieis nem sequer se encontra sinal: dois vasos, uma balista, um machado e uma caixa? (Figs. 1-4).

Presenças já de si estranhas mas ainda agravadas pelo facto de, neste tipo de vasos, serem raras as representações de utensílios isolados.

Convencidos já de que o vaso de Milreu não tinha o valor que geralmente se lhe atribuía (e que também lhe havíamos atribuído), e que se tratava de uma cópia reduzida e muito mais tardia, as dúvidas

sobre a autenticidade da peça desapareceram quando encontrámos no *Museo Nazionale* de Florença (Sala dos Bronzes, n.º 2382) uma placa rectangular de bronze (75 X 25 cm.) com a representação planificada da cena figurada no Vaso Medieis, e em que se notavam as mesmas diferenças em relação ao original que encontrámos na cratera portuguesa, como pode apreciar-se na fotografia que reproduzimos (Fig. 8).

Essa placa ostentava a seguinte tabela: «Ignoto toscano. Sec. xvii. 11 sacrificio dTfigenia. Copia del Vaso Mediceo».

Da conjugação de todos estes elementos julgamos poder concluir-se que, efectivamente, a cratera de Milreu é uma versão tardia e alterada do Vaso Medieis, possivelmente da mesma época da placa (época em que são frequentes as cópias de modelos clássicos), e produto de qualquer oficina florentina, como as que ainda existem ao longo das margens do Arno.

Ainda tentámos averiguar se nos registos de algumas delas figuraria a indicação de ter sido exportada para Portugal qualquer cópia do Vaso Medieis, mas nada foi possível saber.

Em condições que provocámos, um grupo de arqueólogos espanhóis teve oportunidade de examinar directamente o vaso de Milreu, e a opinião que emitiram estava de acordo com as conclusões a que havíamos chegado.

Não julgamos, no entanto, que possa falar-se de falsificação, uma vez que a peça não deve ter sido executada como tal, o que de resto acontece às que ainda hoje se fazem em Florença.

O que não podemos garantir é que em Portugal alguém tenha agido sem ser de boa fé, embora nos inclinemos para a hipótese de uma confusão de lugares.

Se é possível que, intencionalmente, alguém tenha querido fazer acreditar que o vaso fora achado em Milreu, também nos parece natural que o problema tenha uma outra explicação.

Muito perto das ruínas de Milreu, em Estoi, existe um belo palácio setecentista que foi do Visconde de Estoi. Nele figuram estatuetas e vasos ornamentais de gosto clássico, assim como mosaicos parietais que dizem ter sido feitos com fragmentos de outros recolhidos nas ruínas.

Teria o vaso sido importado de Itália para esse palácio e, em determinado momento, esquecida a sua história verdadeira, passado a ser considerado como proveniente da estação romana de Milreu?

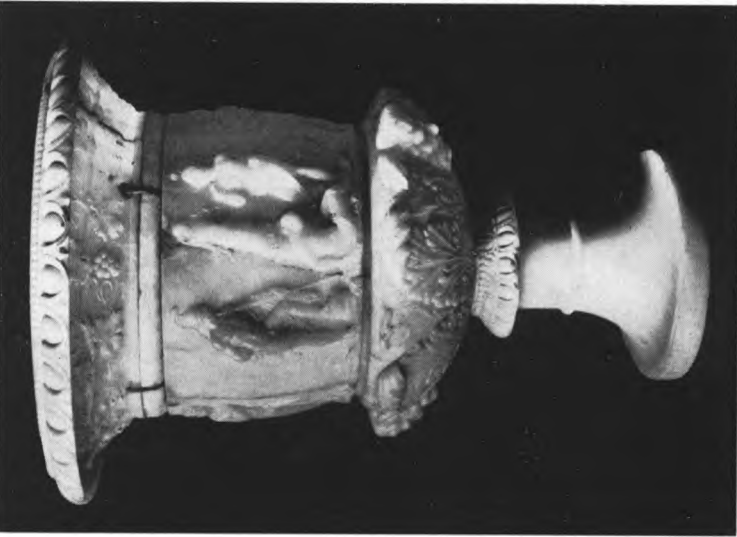


Fig. 1 — Cratera de Milreu  
(Foto Cinema — Faro)



Fig. 2 — Cratera de Milreu  
(Foto Cinema — Faro)





Fig. 3 — Cratera de Milreu

*(Foto Cinema — Faro)*



Fig. 4 — Cratera de Milreu

*(Foto Cinema — Faro)*



Fig. 5 — *Vaso Mediceo*, Uffizi, Florença

(Foto Alinari)



Fig. 6 — *Vaso Mediceo*, Uffizi, Florença

(Foto Alinari)



(Página deixada propositadamente em branco)

Outra hipótese é ainda possível. O primeiro proprietário conhecido pertencia a uma família de origem italiana. Teria qualquer dos seus antepassados sido o portador da peça? Com o correr dos tempos podia ter-se perdido o conhecimento da origem exacta, e atribuído uma outra, hipotética, que depois se radicou.

Pode ser que ainda surjam elementos que esclareçam de vez o assunto. Oxalá que assim suceda!

J. M. BAIRRÃO OLEIRO

P. S. — Aos trabalhos referidos na nota 7 deve acrescentar-se um recente estudo do Prof. Charles Picard, de que só tivemos conhecimento quando este artigo estava já composto: «Fragment d'un cratère type «Médicis», trouvé dans les eaux du Rhone» in *Revue Archéologique*, 1959 — tome II, Juillet-Septembre, pp. 120-124.